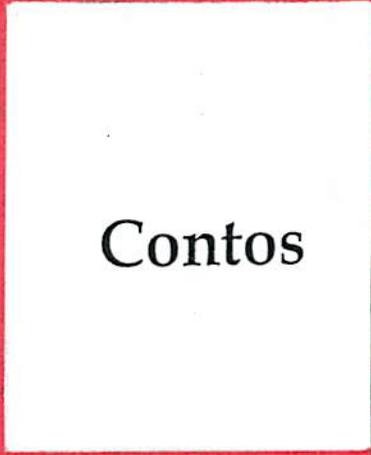


planta, do al
vernizes-do-i-
verno. [Do la
▲vero-. Ec
veronense
Veronês.
veronês. [C
ou relative
habitante
veronesa (
verônica. S
Pedro, em
sudário) en
hierosolimi
Jesus quar
ali grava
encardic
rosários
amulet
imagem
metal.
prociss
Bras., /
gia sub
pequei
fruto é
verôni

viva voz
viva voz
viva voz
viva voz
viva voz



Contos

viva voz
viva voz
viva voz

N.Cham. B869.3 C763 2002

Título: Contos .



65500307
334358

LETRAS

B869.3
C763
2002

Cadernos do Departamento
de Letras Vernáculas

ven
ver

lanto e
não.]
vernu
veru.]
de ve
Do lat.
o lat. ver
a Veron
e Veron
, veron
f. 1. R
Roma,
que,
ta, de
o carro
a sua
..., d
de ve
(Euclid
o rosto
P. ext
s do e
naz. C
(mosa)
; flore
ma sã
-ofici
.]
il. Adj
ilhanç
ilhanç
ilidac
ilimo
lituc
nil. T
; qu

0330 1 240

Diretora da Faculdade de Letras
Profa. Eliana Amarante de Mendonça Mendes
Vice-Diretora
Profa. Veronika Benn-Ibler
Chefe do Departamento de Letras Vernáculas
Profa. Eunice Maria das Dores Nicolau

Projeto Gráfico da Capa
Glória Campos

Revisão dos textos
Júnia Diniz Focas

Composição
Jorge Luiz de Oliveira Munhoz
Humberto Mendes

Endereço para Correspondência
Viva Voz
FALE/UFMG
Departamento de Letras Vernáculas
Av. Antônio Carlos, 6627 – Sala 4049
31270-901 – Belo Horizonte – MG
Fone: (31) 3449-5127
Telefax: (31) 3449-5128
E-mail: deplev@letras.ufmg.br

de de Letr.

BIBLIOTECA UNIVERSITARIA

19-102-103

655003-07

Belo Horizonte

B869.3

C 763

2002

Júnia Focas
organizadora

Contos

10223 - 4.10
U.F.M.G. - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA



65500307

NÃO DANIFIQUE ESTA ETIQUETA

Belo Horizonte
FALE/UFMG
2002

Sumário

Apresentação _____	05
Maria _____	06
Flávia da Luz _____	08
José, o porteiro _____	10
Bráulio Baumgratz Delgado _____	12
O menino que queria voar _____	14
Heloiza Maria de Paula _____	17
Réquiem ao anoitecer _____	21
Alexsandra Vieira _____	24
Diálogo entre Criador e Criatura _____	27
Edernivton M. Santos _____	29
O cangaceiro do chifre _____	33
André Henrique de Resende Alt _____	37
Espaço da ausência _____	39
Fabiano Moreira _____	43
XEQUE-MATE _____	45
Juliana Martins do Amaral _____	49
Carlottinha e Esperança _____	53
Marisa Fernandes Anastácio _____	57
Paraíso Perdido _____	61
Natália Carolina _____	65
Só mais um gole _____	69
Flávio de Andrade Vital _____	73
A onça geniosa _____	77
Patrícia Júnia Santos _____	81
O Rei da Floresta _____	85
Alexandra de Souza Xavier _____	89
As obras de Amaral _____	93
Alethéa de Oliveira Ribeiro _____	97
OS ANJINHOS _____	101
Janahinna Moreira _____	105
Sonho Americano _____	109
Neuber Jesus da Silva _____	

APRESENTAÇÃO

Contar contos... Imagens que se entrecruzam, que se intercambiam, sem nunca formar uma idéia ou um sentido único, imutável. Imagens do fantástico, de um mundo pleno de magia e mistério.

Conto, resultado de um longo e árduo processo de construção e reconstrução de sentidos. É o texto a se desdobrar em linguagem simbólica, abstração do real. É o aprendizado do percurso da idéia, de construção de imagens, da revelação dos meandros do insondável e misterioso. É, portanto, contar contos...

É essa a nossa história que se configura aqui no presente volume de *Viva Voz*. Resultado de nosso trabalho no aprendizado e ensino da elaboração de contos. Prazer e orgulho que agora se concretiza e que apresento aos alunos da FALE na esperança de sempre ouvir Vozes como as que aqui se apresentam. Vivas na tentativa de superar as fronteiras do mundo acadêmico, das aulas teóricas, enveredando para outras práticas que exercitam a criatividade e (por que não?) o talento literário.

Júnia Diniz Focas

Maria

Flávia da Luz

Acordou assustada. O som do despertador alcançou toda a casa, antes silenciosa. 6:00. Mãos no despertador, pés no chão, entrou apressada no banheiro. Cinco minutos depois saía, seguindo a passos largos em direção à cozinha. Dali a quinze minutos teria que acordar o marido. Às 7, ele chegava na repartição. Preparou o café e o lanche das crianças. Hoje era dia de prova para o Lico, o filho mais novo. Lembrou-se. Esqueceu-se de olhar os cadernos do Dinho. Será que ele fez o para casa? Chamou o marido. - Bom dia! - Disse ele sentando-se para o café. Naquele dia, Júlio estava com a cara boa. O chefe havia elogiado seu trabalho. Aquele era um dia bom também para ela. Lembrava-se do compromisso. Sorriu. Mecanicamente, Júlio pega sua pasta e sai pela porta da cozinha, depois de reclamar do café. Muito doce... como poucas coisas na vida. Olhou o marido saindo apressado. Ele era seco, o "bom dia" era seu carinho matutino. Dispensava o supérfluo.

De súbito, as crianças invadiram a cozinha. Mãe! Mãe! O cômodo pequeno se encheu daquele burburinho infantil de todas as manhãs, movimento que só foi interrompido por uma buzina. O escolar. Beijo. Beijo, depois o silêncio... Ela poderia se sentar e tomar um café. Quem sabe ouvir uma música? Não, não havia tempo. Não poderia se atrasar, era um encontro especial, combinara o horário: 16 horas. Na área de serviço, uma trouxa de roupas a esperava. Liga a máquina, põe o sabão e fica a ver a espuma crescendo. Era assim que se sentia nos dias de chuva: mergulhada em algo puro e limpo. Queria tanto que chovesse... Chega ao quarto das crianças. A limpeza sempre começava dali, depois o seu quarto, a sala, e por último, a cozinha. Tudo sempre igual.

Meio-dia. A casa limpa cheirando eucalipto. Era um desinfetante novo. Aquele cheiro era bom. Cheiro de liberdade e infância. Pegaria as crianças na escola. O almoço, depois o Projeto. O Projeto era uma coisa boa. Lá as crianças faziam muitas atividades e

recebiam orientação escolar. As crianças chegariam em casa às 17, o marido às 19. Precisava se apressar, seu compromisso era às 16. Deixou um sorriso aparecer no rosto cansado. Não sabia como iria reagir àquele momento. O encontro às 16. Há tanto tempo não fazia aquilo... Não deixaria o marido saber.

As crianças no Projeto. Sentou-se no sofá da sala. Olhou a sala vazia. Já não gostava daquela cortina. Se pudesse, pintaria a casa de amarelo. Amarelo é cor bonita. Beleza... não sabia se era bonita ou feia. Era mãe, dona de casa, membro do grupo de oração... Sabia que era boa, trabalhadeira, dedicada, mas quase nunca se olhava. Não sabia se era bonita. Olhou para o relógio. 15 horas. Precisava se apressar. Ajeitou a cozinha; recolheu as roupas já secas, do varal. Com elas fez uma pilha, passaria no dia seguinte. Entrou para o banheiro apressada. Um banho de cinco minutos. Saiu com o cabelo molhado. Faltavam apenas cinco minutos. Procurou as chaves da casa e com determinação caminhou para a porta de saída. Girou a maçaneta, abriu a porta, colocou o corpo de fora da casa e, decidida, fechou e trancou a porta atrás de si. Pela rua, ia sentindo um vento no rosto. Respirou fundo, sentiu o peito se encher daquilo que parecia liberdade. Ao longe, avistou um letreiro. Era ali. A fachada era cor de rosa. Subiu uma escadinha e entrou numa sala ampla. Olhou para um e outro lado. Num canto da sala uma mulher magra e bonita sorriu-lhe com mansidão e carinho dizendo: -Então, vamos fazer as unhas?- Ela sorriu também, sentou-se numa cadeira macia e mergulhou os pés na água.- Pensávamos que não viria mais, Maria!- As mulheres ali a chamavam pelo nome. - Que cor de esmalte vai querer hoje? - Podia decidir. -E como vão as coisas?- Podia se abrir. - Ficou linda! - Por elas, tinha notícia de que era bonita. Sentada na cadeira macia, olhava-se no espelho. Percebia-se. Precisava daquilo pelo menos uma vez a cada mês. O salão de beleza não era o mundo, mas queria que fosse, resignava-se. -Eu gosto muito do vermelho!

José, o porteiro

Bráulio Baumgratz Delgado

Por trás da poeira que emergia do rufar dos automóveis, punha-se o sol no horizonte daquela grande cidade do centro-oeste do Brasil. Mirando o crepúsculo do portão onde trabalhava, José se preparava para voltar à sua casa após mais um fastidioso dia de trabalho.

Era porteiro-segurança de um edifício público em Brasília. Em sua função corriqueira, cuidava também dos inconvenientes que, vez por outra, transpunham o caminho dos burocratas de toda espécie que transitavam por ali. Embalado pelo pequeno rádio-a-pilhas com o qual "matava o tempo", freqüentemente era obrigado a abandoná-lo apressadamente ao canto, alarmado pela intrépida aventura de algum manifestante disposto a atirar sua "verborrêia" à face dos seus superiores. Não hesitava em desfigurar essas situações constrangedoras, fazendo o possível para que lhe bastasse usar artificialmente uma boa conversa, dissuadindo os ânimos hostis, conforme manda o protocolo. Nalgum cartaz lia-se: "mais emprego" ou "reforma agrária" e já levantava-se o José.

Seu dia fora atribulado. Um grupo de pequenos empresários paraibanos concentrou-se na entrada do prédio exigindo mais equidade nas concessões de crédito. Interrompendo a passagem dos altos funcionários e grandes empresários, com cartazes e palavras de ordem, tentavam se fazer ouvir.

José tentou, com um tratamento dissimuladamente dócil e amistoso, seguindo o figurino, conquistar a simpatia daqueles homens inconformados, enquanto tratava de avisar para que fechassem as entradas do prédio a fim de conter o protesto. Pelo interfone, conversava com seus chefes supondo um fim próximo e previsível para "aquela arruaça", enquanto generosamente sugeria aos manifestantes que aproveitassem para ouvir e se distrair ao som da música ambiente do edifício_ que ele mesmo providenciara, ou com as imagens das TVs internas dali, ou

mesmo com alguma revista ou qualquer coisa, a fim de que se enfatiassem e perdessem logo o ímpeto com que exigiam seus direitos. Com alguma persistência, acabou por lograr seus intentos: a manifestação terminara bem antes do previsto e o expediente daquela repartição já se normalizara ao fim da tarde, quando o entra e sai de grandes empresários, políticos, empreiteiros e especuladores recomeçou.

Agora cansado, retirava-se. Religando o pequeno rádio-a-pilhas, voltava para casa. Pensava nas contas a pagar, na água, na luz, no cartão de crédito endividado, com juros prestes a explodir. Não era como aqueles grandes comerciantes que circulavam livremente por onde trabalhava, que sempre conseguiam resolver seus problemas contábeis buscando consolo nas mesas dos altos funcionários. Restava-lhe o pequeno rádio, e o locutor anunciava as músicas do momento. Chegando em casa, ligou a TV. Sua mulher acudia ao choro das crianças. Gritando, ela reclamava também pela ajuda do marido. O pouco dinheiro mal dava para garantir a simples sobrevivência. Pouca comida, pouco gás. O apresentador, na TV, muito simpático, distraía sua atenção entoando novas anedotas, enquanto bradava a mulher miserável. Aos poucos, passando o tempo, adormeceu ali mesmo, diante da TV. A mulher preparou sozinha a cama e retirou-se reticente, rumo a um novo dia.

O menino que queria voar

Heloiza Maria de Paula

Menino magro e feio brincava quase todo dia no campinho abandonado perto da escola. Brincava sozinho, pois cansara de tantos socos e beliscões dos outros meninos de sua idade. Os joelhos grandes encontravam-se sempre ralados por causa dos tombos provocados pelos empurrões que sofria constantemente. Muito triste, só sorria quando lembrava do caso do motorista que morreu ao volante. Às vezes, pensava porque achava tanta graça naquilo, talvez fosse pelo inusitado do acontecimento.

Rejeitado, tinha dentro de si um plano para se vingar, imaginava construir uma grande pipa que o fizesse voar para longe dali. Passava as tardes no campinho engendrando sua intenção. Nunca desanimava e a cada dia tentava novamente. Por ser desajeitado, suas pipas sempre apresentavam defeitos, algumas voavam um pouquinho... outras nem chegavam a sair do chão. Uma das melhores que já fizera prendeu a uma ponta exposta de raiz e espatifou-se toda. Foi o dia que mais chorou, estava certo que finalmente ia parti... voando, voando para bem longe de tudo e de todos.

Uma tarde a tristeza daquele menino foi pior. Chovia forte e não pôde sair para o campinho, fechou-se no quarto numa mudez incontida e esperou que o tempo melhorasse. Isso finalmente aconteceu. Voltou ao campinho, levando consigo um papel bastante colorido que roubara na gaveta da professora. Abriu o papel no chão, prendeu as varetas, amarrou os fios, levantou-se com uma enorme pipa na mão, caminhava titubeante, o coração batia rapidamente. Finalmente, partiria para um novo lugar, um novo mundo onde pudesse ser feliz para sempre. Corria de um lado para o outro, segurando o fio e a pipa nada de voar. O cerol cortava-lhe as mãos, mas o menino nem sentia. Uma preocupação tomou-lhe o peito, como se tivesse um anzol fígado na alma. Notara que o tempo novamente escurecera, rápidos clarões

brilhavam o céu. Enfurecido, corria mais rapidamente, o céu mais escuro, os trovões mais constantes.

Forte ventania. E a pipa finalmente voava, numa forma descompassada produzia rodopios no ar, o menino parecia apenas um vulto a correr no campinho. A pipa foi subindo, subindo e o menino sorrindo, sorrindo, correndo, correndo. Os raios cada vez mais intensos, os estrondos cada vez mais fortes... de repente, um clarão no meio do campinho, o menino viu uma grande luz que o cegara, mas percebeu que começara a voar. Um vôo lento e tranqüilo, sentia-se infinitamente livre agarrado à pipa, viu os rostos dos amigos e da mãe que aos poucos foram desaparecendo, transformando em pequenos pontos luminosos que brilhavam no ar...

Réquiem ao anoitecer

Alexsandra Vieira

Naquele findar do dia, o crepúsculo projetou uma cor vermelha nas paredes já avermelhadas daqueles barracos sem reboco que se amontoavam. O último olhar do sol derramado por sobre aquela face do mundo parecia banhá-la de sangue, sugerindo que a sombra que o sucederia seria mais negra e pesada que a noite.

Gritos nervosos e lamuriantes haviam penetrado o sono delirante do rapaz, acordando-o: era a mãe, conclamando a compaixão do mundo pela sua miséria fatídica: agora, era o cão que morrera, e a intransigência consigo mesma só a permitia revelar o inconformismo com os acarretamentos pragmáticos do infortúnio: desfazer-se do corpo, o profano legado.

O cão estava doente há dias: perdera a visão, o apetite, as forças... perdera a vida. Perdera a vida numa poça de sangue e urina. Mas já não via...

Todavia, os que o vissem, com a morte estampada em vermelho no corpo ferido e solitário, sentiriam náusea e melancolia.

E o rapaz viu. Ele que sempre tentou ser indiferente ao cão, perscrutou-lhe a intimidade exposta pela morte, olhou-o nos olhos vazios de cor, de brilho, vazios de vida. Lembrou-se de quando aqueles olhos o fitavam agudamente e de como isso lhe era intolerável, embora também o incomodasse, naquele momento, o olhar que já não existia.

Pensando na morte solitária e desonrosa do cão, sentiu que enfim o compreendia e o perdoava e, entretanto, isso não tinha mais importância. A morte subtrai o sentido das coisas da vida.

O rapaz deixou sua mãe entregue aos funerais do cão e foi para o quarto, onde a noite já se abrigava. Ele queria se aninhar na noite, forjar sonhos e viajar em caminhos traçados pela ilusão.

Angustiado, devassou o bolso do casaco em que estavam arregimentadas as reservas para a partida. Desembrulhou-as e estendeu-as sobre o couro negro da carteira, de modo a traçar uma estrada entre as duas fileiras brancas. Aspirou-as profundamente. E, de repente, não mais estrada... não mais caminhos reais. Somente uma atmosfera de delírios, em que a morte não mais surpreende, pois o réquiem já está soando. Mas não para o cão.

Diálogo entre Criador e Criatura

Edermiwton M. Santos

Esta contenda ocorreu quando uma personagem, por não concordar com o destino que a escritora lhe dava na obra, rebelou-se e resolveu opinar.

-Discordo veemente do destino que me reservas, como parte integrante e importante da história, venho reivindicar meus direitos de protagonista.

Perplexa, a escritora mal conteve a pena entre os dedos e ante tamanha arrogância daquela que considerava totalmente subjugada, inteiramente destinada a cumprir suas determinações, completamente passiva aos seus desígnios, obtemperou, ainda corada, mas já recobrando a voz que lhe saiu rouca diante da ousadia de sua criação.

-Como se atreve, fruto de minha inspiração? Como se atreve a questionar quem te criou? Sem minha vontade jamais existirias e assim como te criei, posso, num piscar de olhos, destruir-te como melhor me aprouver, com requintes de crueldade deixando que te devorem as feras ou ensejando teu sono tranqüilo num leito de morte até que tua existência se esvaia.

-Certamente divagas - retrucou a personagem desafiadora - uma vez criada, passou a ter vida própria, sou eterna e mutante, vivo mesmo além da morte, pois passo a existir no imaginário de quantos acompanham minhas aventuras. Quem ousaria dizer que Ulisses não existe? Ou que Hércules não realizou seus doze trabalhos? Assim como eles, tenho tantas vidas quantos são os leitores que me lêem, pois sou recriada a cada leitura, cada um me vê com os seus próprios olhos e com suas próprias experiências, assim, sou multifacetada, transcendendo a você que se diz minha dona, que pensa ter direitos sobre mim.

A escritora, agora pálida como estátua esculpida em mármore, buscava argumentos para calar a empáfia de sua criação e já pensando numa forma de eliminá-la, considerou:

-Acaso se achas mais importante do que a narradora que imprime em sua obra estilo e arte? Você é apenas parte integrante da estrutura e do enredo, é apenas complemento de minha obra, o talento me pertence. Posso, se preferir, diminuir-lhe a importância, transformá-la em personagem secundária, deste modo, estarias fadada ao esquecimento.

-Ledo engano se achas possível ignorar minha existência, assim como dialogo com minha criadora, dialogo com quem me acompanha as aventuras, ou seja, converso com seu público, com seus leitores. Sou atemporal e enquanto vida houver, viverei, ao passo que você passará a existir através de mim. Assim como "Barba Azul", "O Pequeno Polegar", "O Gato de Botas" e "A Belo Adormecida" existem por si só, seu criador, Charles Perrault, só é lembrado por alguns estudiosos, e mesmo assim quando referendado por seus personagens.

Nessa altura, a escritora já sem forças para prosseguir e diante do inusitado da situação, deixa-se cair na cadeira sem saber o que fazer ante a rebeldia de sua personagem. Extenuada, deixa que a confusão mental se instale, e como acontece com todo artista que, diferente das pessoas comuns vêem o mundo sobre outra ótica, a inspiração vem quando menos se espera, ela se imagina etérea e leve, já não se sabe personagem ou escritora. Sai do seu torpor quando percebe uma voz que paira no ar, ela já não sabe se escuta ou sente.

-Como temos sido tolas em não perceber que não nos pertencemos. Que direitos reivindicamos se somos uma? Se na medida que me crias, te crias, se me consubstancio em algo existente é porque ambas existimos uma na outra. Se Romeu e Julieta e Otelo existem é porque Shakespeare é atemporal. Confundimo-nos uma com a outra e criamo-nos mutuamente e

assim é com cada um que nos lê. Perpetuamo-nos nos outros, e inventamos a imortalidade.

A escritora, agora personagem, pôde sentir o alívio de simplesmente ser, pois no momento de sua criação, ela se projetava e vivia e sentia as emoções de sua personagem. Percebeu, destruiria a si mesma, tal a interação entre ambas.

O cangaceiro do chifre

André Henrique de Resende Alt

A caatinga é um lugar sem fim. Ali se vive sob o sol, entre os espinhos secos que selam todos os caminhos. Em meio a essa vegetação inóspita, uma casa de pau a pique coberta de sapé, perto de um leito de rio seco, abrigava uma família. Pai doente, mãe defunta. Pedro e Severa, seus filhos, ainda muito novos, eram os responsáveis pelo sustento de todos ali.

O que fazer para achar a comida de hoje? Essa era, a cada manhã, toda sua preocupação. Os irmãos, magros e quase nus, pois não tinham mais que uma muda de roupas, saíam cedinho, sempre andando juntos, de mãos dadas.

Fuçando aqui e ali, até o meio dia, tendo colhido alguns cactos comestíveis ou insetos nutritivos da caatinga, voltavam para a companhia do pobre pai. Remediavam-no com as ervas da terra e alimentavam-no com o pouco que arrancavam daquele lugar em que quase tudo remetia à morte.

Como era dura sua vida. Mas eles também tinham tempo e vontade de ser como qualquer criança de sua idade. Então, as coisas mais simples à sua volta eram motivo de jogo e folguedo. Severa pegava espinhos das árvores e corria a espetar Pedro. O irmão, em represália, subia ao galho de alguma árvore e saltava inadvertidamente sobre a garota. Assim iam vivendo. Cuidavam do pai adoentado com o zelo necessário à sua fragilidade e brincavam alheios à dificuldade de sua existência na caatinga.

Um dia, no galho mais alto e delgado de um misterioso pequizeiro parecendo bem velho, mas que nunca houvera sido avistado pelos irmãos, Severa percebeu um daqueles chifres de boi selados com uma rolha, no qual se costuma guardar pólvora ou aguardente. Ele estava preso por sua alça de couro, lá bem alto.

O que fazia ali? Pedro, imediatamente, se pôs a escalar e foi subindo, subindo até quase alcançar o topo. Porém, a uma certa

altura, viu-se obrigado a parar, por medo de romper o galho fino onde se apoiava. Naquelas bandas, uma queda que resultasse em fratura e sangramento poderia significar morte certa. Severa arremessou-lhe, então, uma longa taquara seca achada ali pelo chão. Com ela, o menino conseguiu derrubar o misterioso objeto.

Não pensaram duas vezes. Vamos abrir! Arrancaram com certa dificuldade a rolha que selava o segredo. Assim que ela atingiu o chão, um vento forte e seco abalou a caatinga. Uma nuvem de fumaça fedendo a pólvora dali saiu, mas logo dissipou-se baixo o calor do meio dia.

O trote de mil cavalos misturado a uma compassada música de triângulo e sanfona antecederam o aparecimento de um ser gigante. Vestia-se com a comum indumentária de couro dos vaqueiros do agreste, porém era muito grande e levitava no ar. Não era um humano.

--- Quem são vocês, cabritos abusados? Como ousam tirar-me desse descanso tranqüilo de cem anos? Vocês vão pagar o preço! Sabem há quanto tempo eu tentava pegar no sono?

As crianças apavoradas desejavam correr, mas suas pernas as traíam. Pareciam atadas ao chão de tão pesadas.

--- Não queríamos incomodá-lo, só ficamos curiosos de ver um cantil de chifre abandonado no alto de uma árvore que nunca antes tínhamos visto, em nossas andanças pelo mato.

--- Pois bem, posto que estou de volta à terra, tendo dormido tão pouco e logo sendo acordado, digo que ficarei três anos em seu encaço, em tudo o que fizerem ou sonharem.

Todos os dias Pedro e Severa iam catar lenha, comida e remédio na caatinga. O gênio cangaceiro ia sempre a persegui-los. Quando Pedro atirava em um pássaro, o gênio desviava a pedra de seu alvo. As ervas medicinais que buscavam frescas, ele fazia secar a seu toque. O pai acabou morrendo. Por mais que tentassem

escapar do olhar do gênio, esse estava sempre por perto e, nas noites estreladas, até pesadelos provocava-lhes.

Dois anos se passaram após o lamentável encontro com o gênio e a morte do pai. A única fonte de água e alimento que o diabólico cangaceiro do chifre lhes deixava era o cacto comestível ou as saúvas. Mesmo se não brincassem como antes, os meninos seguiam vivendo.

Durante esses dois anos, não se rebelaram contra o gênio mau, pois, no mesmo dia que ele surgiu na fumaça do chifre, perceberam que de nada adiantava jogar-lhe pedras ou dele correr. Nada, nem choro nem pedras podiam atingi-lo. Era como o ar do tempo e estava em todo lugar onde iam. Resolveram viver com isso.

No virar do primeiro dia do terceiro ano, os meninos seguiram para a caatinga a buscar o cacto de cada dia. O gênio, é claro, ia com eles como toda manhã durante os duríssimos dois anos. Mas, dessa vez, havia algo diferente com ele. Seguia cantando alegremente acompanhado da sanfona e do triângulo invisíveis. Quando chegaram ao lugar dos cactos, ele falou-lhes.

--- Parem! Dois anos passei com vocês, seguindo-os dia e noite. Conheço a dureza com que vivem e, por isso, o terceiro ano será bem diferente dos outros.

Dito isso, uma grande tenda multicolorida surgiu e, dentro dela, um banquete exalando um cheiro agradável de iguarias exóticas. O gênio e os irmãos puseram-se a comer e, pela primeira vez em tanto tempo, riram juntos.

--- Por que nos causou tanta provação e agora nos trata tão bem?

Com voz firme, o gênio disse que era porque eles o tinham acordado quando não queria ser perturbado, mas que, então, sabia como viviam com dificuldade os irmãos e, dois anos teriam servido-lhes de lição pela indesejável transgressão. Conceder-lhes-

ia, finalmente, três desejos e desapareceria, deixando-os livres antes do terceiro ano.

Tanta foi a felicidade dos irmãos que pularam o dia inteiro. Fizeram, cada um as três escolhas.

Nunca saberemos quais foram os desejos atendidos, mas, Severa e Pedro tornaram-se adultos e moraram longe dali. Em sonhos, lembravam do pai, da mãe, da caatinga e do gênio cangaceiro. Aprenderam a viver cada dia de uma vez.

Tiveram esposos e filhos. Todos lhes perguntavam, até o dia em que morreram, como puderam fazer para passar por toda aquela dificuldade. Para isso, não sabiam a resposta. Apenas diziam que algo interior, além da compreensão, ia fazendo-os viver até que a vida terminasse.

Espaço da ausência

Fabiano Moreira

Onde cada partícula do viver é saudade. A percepção pura e ajustada de que estamos escorrendo pelas bocas-de-lobo. (É a morte quem toca a campainha?) Quem terá coragem de contemplar o olhar que nos olha de fora (pelo olho mágico)?

Pois naquela 'casa reinava absoluto o entardecer do sigilo. Não, nada de brisa, nem grilos de roça, nem cheiro de cabras, nem sombra das frutas, nem infâmias, nem ternura, nem acidentes domésticos. Tudo saqueado no que antes havia sido (o coração) um sítio. Como aquilo poderia ter acontecido? (Não) não se podia contar. Não restou quem pudesse dizer (não). Só restaram evidências.

No lado oposto ao espelho que se sobressaia ao leste: o outro quadrante da sala, onde a lareira aconchegava pequeninos torrões de cinzas, alguns fragmentos de madeira úmida, no emaranhado de gravetos pretos, alguns bonecos de palha descabelados, semigrelhados por chamas recentes. Sobre a lareira uma cabeça de boi enfeitada o ininfeitaível. Seus olhos murchos se fitavam no outro lado, abrangendo.

Também outros cantos da sala abrangiam esses perscrutáveis olhos. Um vaso e uma flor (de plástico). Uma mesinha de pedra, as pernas viradas para o teto, onde parecia haver um grande candelabro, desses que acrescentam encanto a todos os tipos de festas.

A ausência da luz deslustrava o que sobrara das pratarias. Colherinhas, dessas de mexer chá (de campim-da-lapa), distribuídas irregularmente, do centro à lareira. O que estariam fazendo ali?

Na cozinha estavam mais colheres. Uma faca melada de geléia, ao sabor de cinco formigas encrocadas. Uma panela, onde cabia o Atlas, moldada para um clã inteiro, exibia sua vazieis. Pela

quantidade de pratos quebrados a comida ali devia ter sido farta e saborosa. O (imenso) armário de bebidas estava destituído de alegrias.

Um livro de contos de fada se esparramava sobre o que fora a cama de uma menina. Nas páginas 12 e 13 podia-se ver um castelo nas nuvens, destes que já não existem mais (nem mesmo nos sonhos dos bebês mais fofos). Logo abaixo na página:

"A imperatriz Diáboa se debruçava na janela a ver nuvens. Entristecia-se por estar escondida a glória de Parádeisos. O castelo parecia se mover para o oeste, o que jamais havia acontecido. Rezava a todas as luas por um príncipe herói ou encantada madrinha que viesse lhe trazer esclarecimento, socorro e um pouco de alento.

Foi quando ouviu o rosnar do dragão Onredom-Sop. As pessoas popopavam (poppoppop)"

À medida que a noite se aproximava daquele velho sítio morto, mais difícil ficava ver o desenho, quanto mais as letras do volume. O vento podia mudar as páginas, mas não mudava. Sem ninguém para lê-las, o livro não funcionava e se enguiçara. Seus adjetivos já não enfeitavam mais, seus substantivos jaziam paralisados no intervalo comercial do limbo.

Rolos de tricô que há muito desistiram, exibiam a última saia. Inacabada e vermelha, abundante de girassóis bordados, em potencial.

O jornal nacional passaria nesse horário. A tv estava morta.

Então, o escuro tomou o lugar do barulho e fez da casa uma festa de sombras imóveis. Os retratos na parede estavam sem nome, os perfis apagados. Só restavam montanhas através das janelas abertas, mais parecendo gordos cavalos doentes (capados), deitados (chapados) sob o céu das estrelas: seu delírio incessante de todas as noites. O Buda de jade meditava necessariamente

nessa direção, decapitado sobre a estante. A cabeça largava-se (estatelada) perto de uma (abandonada) bota. Então a quietude chorou expectativas. Os aplausos do nada eram erudição. O jeans estendido sobre a cadeira... (Movia-se)

(A perna esquerda da calça) Ensaiaava um reflexo...

Silêncio (de novo)... "Shhhhhhh" desdizia a mudez...

A calça parou novamente, a ilusão tropeçou. Até que da boca, surgiu.

Da boca da calça sorriram dois vitoriosos olhos. A casa sentiu seu arrastar e a escuridão (exausta) lhe envolveu em carícias de paz. A serpente cruza a sala sem deixar rastros, resolvendo fazer seu ninho bem aqui, na desértica abundância deste espaço. Aqui fará sua cultura (esta serpente).

Moral da História: Certos ofídios dependem de um nicho ecológico apropriado para não se (auto) extinguirem.

XEQUE – MATE

Juliana Martins do Amaral

Dois homens vivem em uma antiga fazenda, em um lugarejo afastado de uma cidade de grande porte. Um deles, Sr. Brown, imigrante inglês que veio ao Brasil a procura do Paraíso, é o dono da fazenda. O outro, Antônio, é morador da região desde que nasceu e trabalha para o imigrante desde os doze anos.

Tendo uma rotina nos afazeres da fazenda, o único divertimento destes homens é o jogo de xadrez. Todas as noites, o velho tabuleiro é colocado em uma mesa no centro da desolada sala de visitas, as peças são cuidadosamente ordenadas e, então, inicia-se uma longa jornada noite adentro.

Certa noite, Antônio perguntou ao patrão porque ele havia escolhido aquele lugar para viver e ele respondeu: “Este lugar parece que foi feito pro mim”. Antônio, sempre muito pensativo e atento, passou então a observar o comportamento de Sr. Brown e concluiu que ele é um homem imerso em lembranças.

Numa outra noite, seguindo o mesmo ritual, começaram a jogar e notaram que as peças estavam com uma aparência diferente. Pareciam vivas. Umhas tinham um semblante de alegria, outras de raiva. O jogo se inicia e, inexplicavelmente, as peças pareciam coladas ao tabuleiro. Nervoso, Sr. Brown pergunta: “Antônio, que brincadeira é essa? boquiaberto, Antônio responde que as peças estavam realmente vivas e que tinham vontade própria. “Isso é impossível”. De repente, o Cavalão impecavelmente esguio, disse: “Ele tem razão, não é brincadeira. Passamos anos de nossas vidas aqui, fazendo as mesmas coisas e o senhor aí, imóvel”. “Imóvel, eu? Vocês são imóveis. São peças de madeira”.

Houve um silêncio sombrio e Sr. Brown passou a observar com detalhes os movimentos das peças no tabuleiro e, de uma maneira diferente das outras partidas, identificou claramente a função de cada uma no jogo. Percebeu que todas deviam proteger o Rei e, para tanto, guerreavam a fim de derrotar os inimigos.

Olhou para as peças e ficou acompanhando a movimentação no tabuleiro. Notou que algumas se pareciam com pessoas que ele convivia ou que já havia convivido. Viu o Cavalo, que a pouco conversava com ele e percebeu que queria lhe dizer algo mais, mas o olhar recriminador da Dama, o fez calar. Admirou os caminhos pelos quais as peças seguiam seu curso e deparou-se com o Rei, notou seu semblante amedrontado, pois se uma das peças se desviasse de seu percurso, o deixaria exposto aos ataques dos adversários. As peças se movimentaram sozinhas por um tempo e, por um instante, Sr. Brown viu seu rosto naquele Rei. Sob um olhar fixo, conseguiu enxergar seu interior, como se olhasse em um espelho, que refletia não só sua imagem, mas sua consciência. Num estalo, as peças pararam. Voltaram a ser como sempre foram. Peças de madeira.

Os jogadores não trocaram nenhuma palavra sobre o jogo às avessas. Ficaram em silêncio por um longo tempo. Cada um analisando a partida da qual não participaram como competidores, mas como espectadores. De supetão, Sr. Brown juntou as peças, guardou-as na velha caixa encerada e disse que ia deitar-se. Mas, não dormiu naquela noite. Passou-a em claro, pensando em sua vida. Pensando como ela se parecia com aquele tabuleiro, com aquele jogo a que havia assistido, no qual as peças é que dão as regras.

O galo contou e Sr. Brown se levantou. Estranhamente, o cheiro de café, sentido todas as manhãs, não estava no ar gélido da velha casa. "Antônio", chamou. "Antônio, onde está o café?" Andou pela casa gritando e, de repente, viu o tabuleiro montado sobre a mesa e um bilhete ao lado:

"Sr. Brown,

O que vimos ontem não é um acontecimento corriqueiro. Pensei muito e resolvi que não quero passar o resto da vida protegendo o "Rei". A guerra começou há muitos anos e não podemos nos

esconder do inimigo. Precisamos enfrentá-lo. Vou dar um xeque-mate na vida.

Adeus.

Antônio.”

Durante todo o dia, o velho fazendeiro releu o bilhete e se viu completamente desnortado. Ele havia construído uma ilha, da qual não conseguia se libertar.

À noite, seguindo o mesmo ritual, foi até a sala, lustrou e ordenou as peças no tabuleiro, vestiu sua melhor roupa, escreveu uma frase na tampa da velha caixa encerada, pegou sua arma enferrujada e disparou.

Carlottinha e Esperança

Marisa Fernandes Anastácio

Elas eram amigas desde a infância remota. Cresceram juntas, brincando na mesma vizinhança, dividindo as bonecas e os namoricos. Coisas assim tão inofensivas que fortaleciam a amizade. Tinham sido tempos de alegria e partilha. E com o passar dos anos os sentimentos foram se cristalizando e se fortalecendo. Até que a velhice alcançou-as com o seu andar sempre lento, sempre vindo.

Numa tarde como tantas outras que já se repetiam por muito tempo, a velhice encontrou-as. Estavam sentadas numa sala de estar, esperando o tempo passar.

Todas as tardes era a mesma coisa. Carlottinha chegava pontualmente atrasada, as quatro e quinze, tradicionalmente se desculpava pelo atraso, cumprimentava Esperança e tomava seu lugar à mesa de chá, num passo que outrora já fora vigoroso e lépido e, com o passar das estações, se tornaram lentos, pausados, semelhantes aos da própria velhice.

O cumulado dos anos era razão mais que suficiente para estar ali e cumprir sua parte naquele ritual monótono e cheio de silêncio.

Esperança não se importava com isso. Arrumava a mesa com o forro amarelo bordado de flores azuis, já gasto, e com o aparelho de chá tão antigo e usado quanto tudo que as rodeava – as cortinas brancas de renda, o piano de meia calda, o tapete com motivos chineses.

O tempo ensinara a Esperança que não poderia tentar deter Carlottinha em seus objetivos. Um deles era estar ali, todas as tardes, saboreando seu chá em completo silêncio.

A cena bucólica das duas velhinhas tomando chá, na penumbra da tarde, escondia um mar revolto de sentimentos que se batia dentro delas. Tudo porque um dia, num passado distante, Carlottinha ousou dizer a verdade. Uma verdade tão dolorosa e

desestruturante que sufocou, arrastou e matou os sonhos de ambas. O sofrimento se abateu sobre elas de forma diferente, mas com igual intensidade.

A verdade lançou uma sombra de sisudez ao semblante sempre aberto, fresco e alegre de Esperança, enquanto arrancou Carlotinha da atitude submissa e resignada que assumira desde que se casara.

Essa mesma verdade que aprisionava Esperança e libertava Carlotinha, calava as duas. O silêncio que as acompanhava agora, viera depois de uma longa e desgastante revelação. Carlotinha sempre soubera que Esperança amava em segredo seu marido. Esse amor era correspondido e, apesar dos cuidados, Carlotinha descobrira. Esperança não pode entender porque sua amiga sujeitou-se a situação, não pode entender porque esperara a morte do marido para revelar que sempre soubera que havia sido traída.

Por semanas e semanas se consumira em perguntas e dúvidas, mas já não se importava. Apenas ficava ali, todas as tardes, esperando Carlotinha chegar, sempre atrasada, sempre se desculpando...

Paraíso Perdido

Natália Carolina

Raimundo, homem comum, do mundo. Pescador, casado, pai de dois filhos. Um dia decidiu: Vou procurar a ilha perdida. Sem hesitar, passou a construir seu barco. Colhia a madeira, serrava-a, lixava-a, polia-a. Logo, todo seu trabalho foi tomando forma, curvas de barco. Trabalhava incansavelmente, sol após sol, lua após lua. De vez em quando, um de seus filhos perguntava-lhe:

-Onde é esta ilha ?

Mostrando total desvelo, o homem respondia ao filho que não sabia, pois nunca tinha tido a oportunidade de visitar, mas era chegada a hora.

O filho dava-se por satisfeito e, conformado, tomava seu rumo.

Da outra vez vinha a esposa, em sua impávida inocência:

Por que queres ir para essa ilha ?

Respondia-lhe que era chegada a hora de saber por que tanta gente ia para lá, que tinha ouvido falar que era lugar onde tudo era belo, todos vestiam-se com as mais finas vestes e comiam as mais saborosas frutas.

Então sua mulher, inconformada, dizia-lhe para não se atrever, pois essa ilha não tinha boa fama e que todos que para lá navegavam caíam em grande miséria.

Mas o homem não dava ouvidos, continuava a construir o barco, sem maiores explicações. Tudo o que queria era conhecer este lugar e experimentar de todas aquelas regalias.

Um dia o outro filho perguntou-lhe:

O Sr. não está feliz em nossa praia ?

Raimundo, resignado, respondeu-lhe então que sim, mas que um homem deve conhecer novos horizontes, desbravar matas, avistar montanhas, navegar e descobrir terras. E essa seria sua grande

missão, uma jornada pelo oceano. Disse-lhe, também, que voltaria para buscá-los.

O filho inconformado, retrucou:

Quero ir também.

Filho - respondeu-lhe o pai - será chegada a sua hora, mas se lá for bom para todos, em breve estaremos todos .

O grande dia chegou, o barco estava pronto. Um barco humilde, porém firme.

O aventureiro, então, entregou-se ao capricho. Lançou-o ao mar que o recebeu com o abraço de suas acolhedoras ondas. De longe, Raimundo acenava para os três que pouco a pouco sumiam no horizonte. Agora ele, solto no mundo, respirava toda a liberdade que a brisa lhe emprestava naquele momento. Olhou o horizonte, e o mar azul fez-se à sua frente largo, infinito mundo insólido a quem se entregava de corpo e alma procura de seu tão sonhado paraíso.

Pensava, sem parar, o que lhe esperava naquela ilha. E, a cada onda, as esperanças se renovavam. Tinha no mar o seu melhor amigo, dormia e se espreguiçava com ele. Todas as manhãs, suas águas cristalinas revelavam aquela face corajosa da qual tanto se orgulhava. Embebedava-se de sonhos com sereias e manjares e sobre cada sonho o pequeno barco flutuava rumo ao incerto destino.

Às vezes, acordava com a ira do amigo que enviava-lhe ondas gigantes, e ele atordoado, clamava por calmaria, que vinha, apaziguando o medo.

Até que um dia, o mar inquieto, cuspiu todo o seu furor. Raimundo remava, remava, mas o esforço era em vão, não podia lutar contra as águas que vinham lhe tirar a paz. Sentiu que algo inesperado estava por vir, o fundo do oceano, então, jorrou areia, grão por grão, de baixo para cima e tomou formas de um homem

gigante. Nos olhos da criatura era possível ver tremenda fúria, e ali, na sua frente, de braços cruzados, interpelou o homem sobre sua viagem.

Raimundo, assustado, olhou para aquele ser de formas interessantes e sentiu pavor. Pensou em desistir, voltar para casa, reencontrar sua família, vender seus peixes, no entanto, quanto mais remava mais o mar lhe puxava para trás. Assim, o gigantesco monstro de água e areia lhe falou:

- Porque queres desistir agora, homem aventureiro, se mal sabes o que te espera?

Raimundo, tentando controlar seu medo, respondeu:

- Quem és tu gigante? E o que me espera?

Sou o guardião da ilha que tanto procuras. Se entrares nela, serás conhecedor de todas as maravilhas lá existentes.

Raimundo, sentindo imenso desejo de ir conhecer este extraordinário lugar, convenceu-se dos argumentos do guardião e pediu passagem. Naquele momento, o mar separou-se abrindo o caminho em direção à ilha. Chegando, foi recebido como um rei. Belíssimas mulheres servindo-lhe os mais saborosos vinhos. A ilha era dotada das mais belas macieiras dos mais vermelhos frutos. Vestia-se com os mais finos dos linhos e todos os que estavam lá esqueciam-se do tempo, do passado e do futuro.

E, assim, tudo continuou. Raimundo, como todos, esqueceu-se de suas origens, de sua praia, de sua pesca, de seus filhos e de sua esposa...Tantos eram os prazeres daquele lugar que não se atrevia a voltar para buscá-los, pois temia não encontrar mais o paraíso. A saudade batia, às vezes, mas quando olhava para o céu e podia ver a beleza daquelas estrelas sentia que pertencia àquela ilha e que a ilha já lhe pertencia também. Muitos anos se passaram e Raimundo, sentindo que já não tinha mais o vigor de outrora e que todas aqueles prazeres da ilha já não mais lhe causavam surpresas, sentiu-se só. Pensou, então, em sua esposa, em seus dois filhos,

imaginava seus netos, lembrava das fartas redes de pesca de onde tirava o seu sustento, a casa que sempre o esperava ao entardecer do dia e imaginava tudo o que teria feito e o que faria se lá estivesse.

Um dia, sentou-se à beira da praia, onde as águas podiam tocar seus pés, e olhou para aquele infinito mar que se abria em sua frente. Então, decidiu: quero voltar para casa. Pegou seu barco velho, ancorado junto às pedras desde que chegou, subiu nele e começou a remar. Remava, remava e não olhava para trás. Mesmo o mar enfurecido não o intimidava, remar para casa era tudo o que fazia, remar era tudo o que queria fazer.

Um dia, entre tantos de sua jornada, a doença e a febre lhe atacaram. Flutuou sobre as águas vários dias, sem forças, esperando que o gigante do mar viesse lhe salvar. Esperou, esperou e ele não veio. A febre tomou conta de seu corpo e impulsionado pela sede que o acometia, ergueu o corpo sobre a polpa do barco buscando água, foi então, quando viu o rosto de sua esposa e seus filhos que lhe sorriam na superfície sob as águas. Sorriam jovialmente e acenavam, com um semblante jamais visto. Sentindo imensa alegria em revê-los, imediatamente pulou, e foi ao encontro de sua família que sumira nas escuras e solitárias águas das profundezas do mar.

Só mais um gole.

Flávio de Andrade Vital

Só senti culpa quando acordei. Chovia um bocado. Pensei em como havia sido sujo, desnecessariamente sujo. A culpa se tornou uma referência, e pratiquei o cotidiano sem que pudesse evitar o passado recente. Entrei no carro, decidido a me trancar em casa. No meio do caminho, senti um cheiro forte de merda. Abri a janela, pensando em como andava suja a cidade. Prossegui, e o cheiro veio junto. Cheguei em casa, e percebi que a merda estava era no meu pé. Eu, provavelmente, pisara nela logo antes de entrar no carro. O chão e os pedais estavam lambuzados. Respirei fundo e me preparei para a faxina. Compreendi que o homem recebe não aquilo que merece, mas sim aquilo com que se assemelha. Segui o dia sem calma, e, ao final, não havia encontrado redenção.

O fato ocorreu não há muito.

Andava amargurado, mas cheio de mim, pensava que o mundo girava à minha volta. Atribuía esta amargura a um necessário estado de alma em que me encontrava. Afinal, nem tudo deve ser perfeito. Vivía em meio mundo: hora objetivo, hora subjetivo? Não! Acreditava que esse seria o equilíbrio ideal, mas as minhas decepções e desilusões levavam-me a uma coisa: meu diploma de curso superior pela faculdade de Bocadinho. Aliás, foi lá onde eu me enrolei.

Estava matriculado no curso de relações públicas; possuía alguns amigos, era tudo muito bom, era tudo que eu queria!? Estudava pela manhã e à tarde, como havia arrumado um estágio, ou melhor, aqueles trabalhos que não têm nada a ver com o curso que fazemos, mas chamam de estágio, não tinha tempo para conversar com meus colegas após as aulas, saía da faculdade correndo, com exceção dos sábados, quando eu não trabalhava.

Costumávamos todos os sábados, após as aulas, irmos a um bar ao lado da faculdade, onde procurava compensar minha ausência. Conversava com todos e contava muitas piadas. Era o momento

sublime da minha empreitada, mas algo me faltava, para ser completo. É claro, que mais poderia ser? Iracema! Melhor dizendo: a encarnação de Iracema (vivia a sonhar com a virgem do meu vestibular), que haveria de encontrar. Aquela! Dominada por Martin, ou melhor, por mim: Martins. É! Martins era como todos me chamavam devido ao meu devaneio romântico e ao meu sobrenome: Martines.

De virgem ela não tinha nada, "é lógico", mas possuía enormes lábios que pareciam lambuzados com mel. Tão doces eram suas formas! Tinha um sorriso lindo e se chamava Ema. Seus cabelos eram longos, não negros, mas louros. Era tudo o que eu queria. Como não havia notado antes! Estava ali, na minha frente a mulher que seria a mãe dos meus filhos.

Logo na primeira investida, me dei mal. Ema era noiva. Muito jovem era, mas havia dois anos que desfrutava a idéias do casamento com seu noivo, o Carlos. Este alimentava o desejo de ser o único homem daquela mulher, que a minha frente se apresentava pela primeira vez. Não acreditei a princípio, mas alguns amigos confirmaram depois que Carlos era o seu primeiro namorado. Percebi então que, apesar do fora, se é que foi um fora, Ema havia demonstrado um ar de curiosidade ao meu ato (como sou foda!), ou melhor, à minha ousadia, pois invadi o seu mundo com tanta convicção que até eu mesmo duvidara, mas foi o que eu precisava.

A partir desse dia, não fui mais o mesmo, ia para a aula bem arrumado e mal intencionado. Mau? Bem intencionado! Ema era a melhor, pode crer. Eu arrumava sempre uns dez minutinhos após as aulas, conversava com todas as garotas, menos com Ema, ignorava-a, por quê? Estratégia, somente por estratégia. As garotas não admitem para si, serem ignoradas pelos homens. Ema, que guardava a sua pureza para seu noivo, vivia em um conflito causado por sua vaidade. Vaidade que não admitia não ser bajulada por mim, afinal, era Iracema e esta só podia ser uma.

Ao final de um mês de agonia, ela estava no papo, aliás, na minha. Mesmo sem ter lhe dito nada e ela também não, pois seu orgulho não deixava, eu havia notado que era a hora de aplicar a segunda parte da minha estratégia: atacar!

Estava em um bar diferente do qual a turma era acostumada a freqüentar, quando notei que Ema passava do lado de fora com suas amigas e viu-me. Cheia de orgulho e desejo de provar às amigas que ela é quem era a Iracema, parou e convidou-as para irem ao bar onde eu estava, dizendo que "era bom mudar os ares", afinal, somente ela havia me visto.

No bar, Ema dominava. Não havia um homem que não a olhasse com desejo, e eu também não podia evitar, "ela está linda", pensei. Resolvi então ir ao banheiro para que as suas colegas me vissem e não deu noutra. "Olhar o Ruan!" "Ruan, aproxime-se!" "Vou ao banheiro e já volto." Disse insinuando indiferença.

Voltei do banheiro e fui à mesa das garotas. Ema, já transformada e transtornada pelo assédio das suas colegas a mim, estava séria e não me dirigia o olhar, mas não conseguiu por muito. Após eu ter cumprimentado as garotas, eu me dirigi a ela como um cavalheiro e disse: "oi Ema, como vai a senhorita". Eu sabia! Apesar do tom sarcástico com que proferi aquele galanteio, era tudo que nós dois precisávamos. Ema, notando a oportunidade de vingar-se da soberba das amigas, deixou o orgulho de lado e iniciou uma investida à minha vitória. Ela não perdia tempo, debandava-se a meu lado a ponto de causar espanto e ojeriza nas suas colegas. Até que resolvi retornar ao banheiro após ter tomado várias doses de Tequila, que ela havia pedido para nós dizendo: "só mais um gole Ruan". Estava apertado, fui ao banheiro, Ema foi atrás de mim e . .

Eram dez horas da manhã quando acordei, estava num lugar diferente, numa cama diferente. Levantei-me e percebi que estava num quarto. A princípio, pensei que estava sonhando, mas "não! Não é possível, estou num quarto de motel! Ai!" Minha cabeça

doía muito, achei novamente que estava sonhando, mas olhei para a cama e vi, era real, havia um corpo dormindo. Notei que esse corpo possuía cabelos louros!? Não estava sonhando, "é claro, meu Deus, é Ema!" Não acreditava no que havia feito. Em questão de segundos vesti minha roupa e não hesitei. Liguei para o serviço de quarto e pedi a conta. Paguei o necessário para Ema ficar à vontade sem ser incomodada e deixei também dinheiro para o táxi, pois havia gastado o dinheiro que possuía com Tequila. Era o mínimo que podia fazer. Saí do quarto, encostei a porta, parecia noite. Entrei no carro e fui embora.

A onça geniosa

Patrícia Júnia Santos

Sou uma onça muito nervosa, é só vir alguém me aborrecer que eu solto os cachorros mesmo!

Outro dia, estava bastante enraivecida e veio um gato do mato pedir para eu tirar um espinho da patinha dele! Acredita! Tentei me controlar, porque se eu resolvesse me estressar, coitado dele! Então tirei o tal espinho. Sabe que o folgado nem agradeceu?

Acho que essas coisas só acontecem comigo. Veja bem, conheci um tigre muito charmoso, recém chegado da África. Claro que me apaixonei; ele, como um belo sem-vergonha, dava bola para todas! Numa tarde, decidi ir para os lados da casa desse tigre e ele estava conversando com alguns amigos; eu, claro, como sou muito séria e não dou a intimidades, passei por eles e apenas os cumprimentei. Não é que o tal tigre gritou meu nome na frente de todos! Ah! Eu fiquei muito brava! Como ele pôde me expor assim, dessa maneira sem contar que havia uma poça de lama na minha frente e eu, tão brava, nem vi. Precisa dizer o que aconteceu? Só me dei conta quando estava coberta de lama. Como fiquei enfurecida! Fui correndo procurar um riacho aonde pudesse me banhar e esfriar a cabeça.

Depois de um tempinho, ouvi uma risadinha muito irritante; era o danado do sapinho que viu toda a cena de lá. Voltei a ficar nervosa! Pode um bichinho daquele tamanho caçoar de mim? O problema é que não poderia esmagar aquele zombeteiro ali, na frente do tigre. O que pude fazer foi ir embora, furiosa.

Certa vez, passeava pelo bosque dos macacos para espairar um pouco, quando vi um macaquinho que estava chorando porque havia caído do galho; eu, para não ficar muito nervosa com a mãe do coitadinho, o coloquei em um galho próximo até que o safadinho começou a gritar:

-A onça é uma boba, eu enganei a onça...!

Mas eu fiquei tão brava que comecei a subir na árvore para agarrá-lo, quando chegou o tigre, então me desequilibrei e caí. O pior é que caí justamente nos braços dele, veja só! Derreti-me toda naqueles braços colossais!

O tigre, que já estava fascinado pela onça, começou a ponderar se ela demonstrasse a sua verdadeira face, poderia até parar de ser importunada pelos animais, pois todos saberiam que ela é uma boa onça, coisa que ele já descobrira ao observá-la.

Assim, comecei a ser eu mesma, ajudando aos animaizinhos, conversando amigavelmente com todos. Então descobri que os conselhos do tigre foram muito válidos, pois, obtive a aproximação e o respeito de todos os animais.

Se soubesse que seria tão bom ser boazinha, teria mudado antes!

O Rei da Floresta

Alexandra de Souza Xavier

Todos sabem que o rei da floresta é o leão. Aconteceu, porém, há muito tempo atrás um caso que colocou em cheque o seu reinado. Uma serpente muito atrevida, vinda do pantanal, resolveu tomar o lugar do leão.

Uma vez passeando pela floresta, sua nova casa, a serpente encontrou um macaco com muitas bananas. Como ele levava muitas e era bem pequenino, ela resolveu pedir-lhe algumas, pois estava com muita fome e comendo as bananas não precisaria caçar durante algum tempo. O macaco gentilmente lhe respondeu que não poderia ceder nem ao menos uma banana, porque as estava levando para o rei. A serpente estranhou. Por um momento, pensou até em comer o macaco egoísta, mas resolveu continuar seu passeio, afinal carne de macaco dá dor de barriga e numa floresta tão bonita não lhe faltaria comida pelo caminho.

Algumas horas mais de passeio, a serpente encontrou um elefante que ia com sua tromba bem cheia. Lembrou-se, então, de que estava com muita sede. Correu para frente do elefante, tratando logo de ser vista por ele, para não correr o risco de ser esmagada. De frente para o bicho gritou bem alto: “-Me dá um pouco d’água, você tem muita na tromba e nem precisa de tanta.” O elefante respondeu-lhe com muito cuidado para não soltar a água, que não poderia lhe dar nem um pouco, porque aquela água pertencia ao seu rei.

Desta vez, a serpente se pôs a rastejar com muita raiva. Que idiotice levar comida e água para um rei. Que história mais estranha. Pensava, enquanto andava, em um plano miraculoso. Uma vez que encontrasse o rei, poderia matá-lo e todos os animais da floresta deveriam levar comida e água para ela. Teria uma vida sossegada, sem precisar caçar para comer, nem de buscar água no riacho. Comería e dormiría o dia todo. Que maravilha! Acaso, seus

súditos não lhe trouxessem comida a tempo, poderia comer um deles para abrir o apetite.

Distraída em seus pensamentos sórdidos, bem devagar, pela fome que agora apertava, a serpente topou com a raposa. Essa levava dois pássaros na boca. A astuta serpente não perdeu tempo, resolveu colocar seu plano em ação. Pediu a raposa um pássaro e mais uma vez ouviu que os pássaros pertenciam ao rei. Mais calma, agora, que das outras vezes, perguntou a raposa onde o rei ficava e se poderia levá-la até ele. A raposa respondeu que para a serpente ver o rei e desfrutar de sua companhia deveria levar algum presente para ele. Algo interessante, pois por meio do presente oferecido, o rei decidiria se a serpente poderia ou não fazer parte de seu reino.

Ora, que absurdo era aquele que acabara de ouvir. Teria que levar algo para o rei e teria de ser especial para que o mesmo o aceitasse. A fome que trazia transformava-se em cólera e ia aumentando cada vez mais. Pediu à raposa que a esperasse um instante, somente enquanto procurava o seu presente. Disse que não demoraria, pois já tinha em mente o que lhe dar.

A serpente rastejou até a entrada da floresta, onde havia uma plantação de frutos espinhosos. Embrulhou um fruto em uma folha, pois sabia que seu espinho era venenoso e não queria se ferir, não agora, em que estava prestes a ser rainha com muitos súditos, muita fartura e comodidade. Perto dali havia uma lama diferente, resultava da mistura de restos de plantas, frutos de todas as cores, água e outros resíduos do solo. Esta lama possuía uma cor nunca vista, não era possível dizer se era laranja, se amarela, se vermelha, ou mesmo marrom. A serpente ficara horas observando aquela lama quando chegou à floresta. Ela mergulhou a folha que embrulhava o fruto venenoso dentro da lama e depois deixou secar ao sol.

Ao voltar onde havia deixado a raposa, teve que explicar que aquele fruto ela o havia trazido de sua terra, porque ele não nascia

em nenhuma outra parte. A raposa ficou admirada com o presente e ao fim já estava convencida de que poderia levar a serpente para conhecer o seu rei. Esse ficaria extremamente contente ao ganhar uma nova súdita.

Elas andaram muito. A serpente quase não conseguia rastejar tamanha era a sua fome. Por vezes, pensou em comer a raposa e os dois pássaros que ela levava, mas a vontade de ser rainha era mais forte. Essa vontade foi o que a impulsionou a prosseguir.

Depois de muitas horas de caminhada, chegaram ao reino. Um lugar que lembrava muito a entrada da floresta. O reino estava alegre, todos os bichos estavam lá, parecia um banquete, quanta comida! Ao fundo estava o rei leão em seu trono, imponente e cercado de presentes. A raposa chamou a serpente para cumprimentarem o rei e juntas entregarem o seu presente.

Durante algum tempo, o leão conversou com a serpente que falava muito bem e parecia ter o dom da oratória. O rei estava convencido de haver conquistado uma importante súdita para seu reino. Ao fim de sua conversa com a serpente, resolveu proclamar aos outros sua convidada ao banquete.

A serpente não se agüentava de tanta felicidade, olhava o banquete numerando em que ordem comeria cada coisa. Foi, quando, para sua surpresa, o rei exaltando a importância de sua nova súdita, ordenava que a iguaria mais especial fosse dada a ela. Ele mesmo pôs-se a escolher, encantado com a fruta que a mesma havia trazido para ele e não encontrando outra mais extraordinária, ofereceu-a a serpente para que comesse e iniciasse, assim, o banquete. A danada não sabia o que fazer, iria comer o fruto venenoso que ela mesma trouxera. Rapidamente, argumentou que não poderia comer o presente que ela mesma escolhera com tanto afã envenenada. Todos ficaram para aquele que seria agora o seu rei. Mas todos lhe explicaram que fazia parte da tradição oferecer algo de mais especial que houvesse no reino para um novo súdito.

Sem saída, a serpente teve que comer e... morreu envenenada. Todos ficaram surpresos e perceberam o plano ardiloso da serpente. Houve um silêncio geral. De repente, o macaco solta:

- Viva o rei!

E, todos em coro respondem:

- Viva!

Assim, todos comemoraram e permaneceram felizes para sempre.

As obras de Amaral

Alethéa de Oliveira Ribeiro

Para Pedro, era muito fácil criar. Bastava fechar os olhos que as imagens surgiam em perfeita harmonia. A obra de arte era costurada lentamente com paciência, um exercício trabalhoso de lapidação e inspiração. Já Amaral não possuía o talento do jovem artista. Sua criação era baseada em muitas horas de trabalho intelectual.

Eles trabalhavam juntos em uma oficina de arte. Amaral nunca estava satisfeito com seu trabalho. Para o artista, faltava algum detalhe em sua obra, não sabia o quê. Foi em dia de exposição na oficina que percebeu o que lhe acontecia. Todos estavam admirados com as obras de Pedro. Em um momento de loucura, o artista pensou em absorver todo o talento que o outro possuía. Todas as noites, Amaral esperava o colega dormir para extrair o que desejava tanto. Dia a dia, a criação artística de um era reconhecida e elogiada, enquanto a do outro passou a ser desinteressante até finalmente ser esquecido.

O tempo foi passando e Pedro foi se tornando uma pessoa amargurada e sozinha. Não era mais aquele artista brilhante, com futuro promissor. Ninguém lembrava mais de suas obras e de sua presença. Todos só se interessavam pelas obras de Amaral, o grande nome do momento. O orgulho e a vaidade eram visíveis em seus olhos. Possuía a fantasia e o trabalho artesanal para a construção de belas artes. Por esta razão, foi convidado a criar uma escultura para o salão principal de um importante prédio. Precisou criar e simplesmente não conseguiu. Tentou vários modelos, experiências e até sonhos, mas nada ajudava. Resolveu procurar o esquecido colega, quem sabe não poderia ajudá-lo. Foi então grande sua surpresa.

Pedro já não existia como artista, era só um homem melancólico. Amaral percebeu que seu egoísmo foi ainda maior. Não tirou somente a inspiração de um artista, mas também a essência de

uma pessoa. O desejo de um foi a destruição de outro. A fantasia que Pedro possuía para criar, era a alegria que sua alma precisava para viver. Eles tinham agora que conviver com grandes tristezas. Um não tinha mais forças para criar, o outro dormia e acordava pensando em sua obra de pura maldade e de extremo egoísmo.

OS ANJINHOS

Janalinnna Moreira

Havia uma ilha, cercada de azul do céu, das águas cristalinas do mar e do verde propiciado pelas copas frondosas das árvores, na qual moravam cem bebezinhos anjos que lá estavam, convivendo uns com os outros, para aprenderem a ser anjos de verdade. Ficavam sempre em grupo porque precisavam compartilhar todas as experiências vividas.

Todos os anjinhos faziam o possível para agradar seus superiores: respeitavam seus amiguinhos, dividiam o que possuíam com amor e nunca deixavam de fazer as orações diariamente.

Dentre os anjinhos, havia um, de cabelos loiros e encaracolados e olhos azuis, que era o mais preocupado com a manutenção da ordem na ilha. Acontece que ele exagerava na dose. Reclamava quando algo não saía exatamente como queria, dava ordens aos outros e justificava tal conduta dizendo que anjos deviam servir de exemplo e, por isso, se indignava com erros cometidos. Seus coleguinhas ainda respondiam: "Nós estamos aprendendo a ser anjos, não somos perfeitos como Papai do Céu", mas o anjinho Dudu, esse era o seu nome, não aceitava aquelas desculpas: reclamava, reclamava e se zangava, indo para um canto e ficando lá sozinho, ignorando os demais.

O tempo foi passando e os outros anjinhos passaram a obedecê-lo, pois acreditavam que aquele seu jeito se devia ao imenso desejo de agradar a Deus. Assim, ele passou a ser o líder na ilha, sempre ditando regras e se zangando se elas não fossem cumpridas.

Noventa e nove anjinhos sendo obedientes ao anjinho Dudu... Segundo ele, tudo o que fazia, apesar de muitas vezes ser de maneira rude, era para o bem dos demais. Certa vez, dez anjinhos foram dormir mais cedo e não foram fazer a oração noturna. Ao sentir falta dos companheiros, o anjinho Dudu foi até o dormitório, no qual havia uma porção de nuvens confortáveis e perfumadas, e os encontrou roncando! "Que absurdo", ele gritou, e com tal brado

os despertou. Os dez dorminhocos, num sobressalto, pularam de suas nuvens e foram fazer as orações com os outros sem entender o porquê de tanta arrogância. Aquele anjinho precisava de uma liçãozinha.

Os anjinhos já estavam crescidos e a hora de escolher aqueles que se encontravam preparados para se tornarem anjos de verdade havia chegado. Um anjo deveria ser humilde, companheiro, honesto e muito mais... todos acreditavam que o Dudu seria o primeiro escolhido, afinal, ele sempre procurava fazer tudo certinho!

Chegara o grande dia! A comissão de anjos responsáveis pela escolha estava na ilha para realizar essa tão agradável reunião. Todos se reuniram ao redor de uma enorme mesa, toda linda, cheia de frutas e sucos, pães e bolinhos de chuva. Que maravilha! Como era agradável ouvir palavras bonitas como aquelas que eram faladas naquele momento. Mas todos ficaram surpresos com o que aconteceu a seguir: noventa e nove anjinhos foram escolhidos e o Dudu era o único que, segundo a comissão, ainda não se encontrava

preparado para desempenhar a difícil, mas recompensante tarefa de ser anjo.

Ninguém entendeu muito bem aquele ocorrido e o anjinho Dudu muito menos! Muito triste ele perguntou: "Por que sou o único a não ser escolhido?" e os anjos responderam muito carinhosamente: "Você foi rude, grosseiro e nervoso nos momentos em que deveria ter sido educado, amável, doce e calmo. Precisa de mais algum tempo para adquirir o dom da convivência em grupo, que requer todas essas características."

O anjinho Dudu não se desanimou! Com a saída dos noventa e nove escolhidos, o mesmo número de bebezinhos anjo chegou na linda ilha e eram, agora, seus novos companheiros. Nenhuma das palavras foram esquecidas, todos os conselhos dados serviam de reflexão e davam ânimo àquela criatura que só queria agir de

maneira diferente. Dessa forma, tudo continuava como antes: as orações, a obediência a Deus, o compartilhamento... mas o anjinho Dudu mudava um pouco a cada dia. Tornara-se mais calmo, menos agressivo e autoritário e muito mais humilde. Mostrava-se realmente disposto a melhorar.

Certo dia, estavam todos almoçando, e dois anjinhos, como toda criança levada, comeram bem rapidinho e se recusaram a ajudar nas tarefas. Todos acharam que o Dudu iria brigar com eles, no entanto, ele se sentou com os dois e disse: "Gostaria que ouvissem o que vou falar, com muita atenção e carinho: Papai do Céu deu para nós a livre escolha de optarmos pelo bem ou pelo mal. Vocês estão nesse lugar e por isso são privilegiados, aproveitem esse tempo para praticarem o bem, sendo companheiros uns dos outros e cumprindo com zelo os seus deveres, se assim o fizerem se tornarão ainda mais amados por todos." Nossa!, como aquelas palavras emocionaram a todos! O anjinho Dudu estava a cada dia se transformando em uma pessoinha melhor.

O tempo não parava de correr. Cada momento era aproveitado da melhor forma possível, mas o Dudu temia o Grande dia, na verdade, temia não ter agido conforme devia.

O tão ansiado e temido dia chegou e a expectativa era geral. Os escolhidos eram os recompensados pelas boas atitudes. A alegria foi imensa quando o nome Dudu foi ouvido; os abraços e sorrisos aconteciam como prova de amor que todos tinham pelo renovado e tão bom Dudu! Os anjos direcionaram-se ao anjinho e elogiaram, com muita alegria, a sua mudança de comportamento. Era uma alegria ver o seu progresso e determinação em mudar suas atitudes.

O anjinho, como prova de sua humildade, disse: "Quero agradecer pela chance que me foi dada e também quero dizer o quanto sou grato a meus companheiros pelo apoio que recebi durante todo esse tempo. Sem vocês eu não teria vencido essa batalha! Obrigado!" Todos bateram palmas e o anjinho Dudu finalmente

sorria um sorriso límpido e diferente. Ele era agora o Grande Dudu!

Sonho Americano

Neuber Jesus da Silva

Ética, dignidade, honestidade. Essas são palavras incluídas retoricamente em qualquer texto proferido por ocupantes de cargos públicos, contudo, o leitor acredita que exista um local no qual ocorre a práxis desse discurso? Pois é, existe, é a Vila Sonho Americano, um povoado de origem desconhecida, mas em que persiste ainda a forte influencia anglo-saxã, advinda da recente invasão inglesa à suas terras. Em meio a tanta pontualidade, frieza e pragmatismo, vive Annerose Pretender, cujos cabelos longos, olhos azuis, boca carnuda e seios fartos, se confundem numa paisagem indescritível. Annerose é filha de Sir Ribamar, um ancião grisalho e de sorriso raro que, além de exercer a função de *baddreamer* em Sonho Americano - uma espécie de poder executivo do local - é proprietário de uma grande fabrica de arreios, situada no interior da Vila, a Curbpeople; e Mrs. Thornynha, uma senhora analfabeta, conhecida por Ribamar quando ainda trabalhava em uma lavoura de cana-de-açúcar, e que dias após o casamento descobriu ser portadora de uma terrível diabetes, tendo assim suas pernas amputadas.

Como vemos, Annerose, filha única, vivia numa família diversa, mas isso não a impediu de uma criação similar às outras moças do povoado. Assimilou perfeitamente os atributos oferecidos pelo pai, principalmente o caráter idôneo e o amor à verdade; talvez só não conseguiu adquirir o pensar e agir gélido do pai, fazendo-se moça nobre, mas de coração plebeu que adorava o contato com a parte menos abastada, visitando, freqüentemente, as regiões periféricas da Vila. Foi numa dessas andanças, que conheceu Sir Gentili, um aristocrata imberbe que morava num lugarejo localizado a oitenta milhas de Sonho Americano. Logo começaram a namorar, namoro curto, já que não demorou muito para que ele a pedisse em casamento. O que, a principio, foi motivo de festa, acabou resultando em conseqüências drásticas à família Pretender.

As bodas foram um sucesso, uma cerimônia com mais de quinhentos convidados, que se serviram da maneira que desejassem, num evento nunca vivenciado antes na Vila. Entretanto, a grandeza da festa se tornou proporcional às acusações dos grupos oposicionistas ao governo de Sir Ribamar, acusado de desvio de verbas públicas em benefício de sua fábrica, tendo o mega-evento, oferecido à filha, apenas aumentado as suspeitas de seus adversários. Convocada a Assembléia do povoado, esta então decidiu pedir eleições gerais, decisão com que o *haldreaner* concordou, apesar de saber que isso seria mais um fator para seu enfraquecimento moral. Por outro lado, as ações da Curbpeople caíram e Sir Ribamar teve que se dispor de vários bens e, para piorar a situação, Sir Ribamar tinha que se solidarizar com o sofrimento da filha que já atravessava uma extrema crise conjugal. Seu marido, um napolitano na descendência, mas de atitudes que mais lembravam os povos que destruíram o Império Romano; rude, centralizador, chegou várias vezes a coagi-la fisicamente.

A situação se arrastava dessa forma e o clamor popular exigindo justiça só aumentava, chegando ao ponto de um grupo de manifestantes protestarem em frente à casa dos Pretender. Sentados na varanda mansão da família, conversavam a respeito dos problemas que os afligiam, quando, de repente, escutam-se vozes, gritos, apupos, e palavras como corrupto, ladrão; e Annerose sente algo atingir sua cabeça. Uma pedra, uma enorme pedra que, se acertasse uma superfície maior de sua caixa craniana, certamente a faria expirar. Enrijeceu então a face, olhou fixamente para o pai. Essa situação não poderia mais continuar. Saiu à janela, e num tom firme disse:

-Atirem-me pedras, e lhes darei flores; calar-vos-ei as bocas, mas não farei com agressão, pelo contrário, vocês terão orgulho de mim.

Sob protestos, fechou a janela. Sua campanha à sucessão do pai começara. Mesmo sem qualquer formação jurídica, Annerose saiu à procura de documentos que comprovassem a inocência do pai. Gentili não concordou a princípio, mas foi convencido a concordar por seu fascínio pelo poder, e seu ego hiperdotado.

O Toucanside atacava, veementemente, a integridade moral da família Pretender em sua campanha; e para agravar a situação de seus adversários, surgiu um documento que comprovava todo o esquema denunciado pelo partido, tendo sido o documento apresentado em seguida à Assembléia local, a qual marcou uma reunião extraordinária para o julgamento de Sir Ribamar, dois dias antes da eleição.

Annerose, por mais que tentasse, não conseguia reunir provas favoráveis ao pai, e até mesmo à derradeira prova que, segundo a oposição, seria a mais contundente, não lhe foi autorizada qualquer consulta prévia. Esse emaranhado de situações adversas a angustiava bastante, motivo pelo qual já chegou à reunião da Assembléia derrotada, diante de sua incapacidade, de sua incompetência, de sua invalidez.

A sessão começou, e o documento comprobatório logo foi passado ao promotor, que confirmou sua legitimidade, devido à verificação da assinatura do *baddreamer*. Annerose, com a cabeça resignadamente curvada, foi apresentada à prova cabal, e viu que a assinatura estava idêntica a do seu pai, exceto por um detalhe que passou despercebido a todos. Sir Ribamar não separava a letra A da letra M. Só uma pessoa escrevia dessa forma quando tentava imitar a assinatura de seu pai. Seu rosto se enrubesceu, suas pupilas dilataram quarenta e nove vezes. Não podia ser!!! Sim., era. Mrs. Thornynha, a pacata e inútil, a matriarca aleijada. Tudo estava esclarecido. A mãe analfabeta confessou tudo. Planejou com o genro Gentili, que foi preso logo em seguida. Quanto à criminosa, não se podia fazer mais nada; a vida já a condenara. Enfim, Annerose conseguiu reerguer a confiança perdida pelo pai,

signação
odos os
s. Poste-
metazoá-
pêndices
a, e sem
'verme':

Que mata
ia vermici-

. Que tem
vegetal que
so.]

Relativo ou

Erva perene e
(*Sedum acre*),
ramos ascen-
dadas, aproxi-
madas, que se
os frutos são

Min. Grupo de
de composição
as. [Esses mine-
intumescem e
m ser utilizados
construção para

Pequeno verme.
(.) Adj. Vermicu-

a.] S. f. Ornato
pelos vermes a se

vernaculista. Adj. 2 g. e s. 2 g.
e/ou fala vernaculamente.
vernaculização. S. f. Ato ou efeito de vernaculizar.
vernaculizar. V. t. d. Tomar vernáculo.
vernáculo. [Do lat. *vernaculu*, 'de escravo nascido na casa do senhor'; 'de casa, doméstico'; 'próprio do país, nacional'.] Adj. 1. Próprio da região em que está; nacional: "Nada mais pitoresco, nada mais vernáculoso, nada mais genuinamente e mais encantadoramente português do que essas simples e modestas navegações d'água doce!" (Ramalho Ortigão, *A Holanda*, p. 83); "E à noite o primeiro gródio da serra, com os pitéus vernáculos do velho Portugal!" (Eça de Queirós, *A Cidade e as Serras*, p. 198); a língua vernácula. 2. Fig. Diz-se da linguagem genuína, correta, pura, isenta de estrangeirismos; castiço. 3. Diz-se de quem atenta para a correção e a pureza no falar e escrever; castiço. ● S. m. 4. O idioma próprio de um país.
vernal. [Do lat. *vernale*.] Adj. 2 g. 1. Da, ou relativo à primavera; primaveril: "Transbordaram, no inverno, os cântaros dos montes; / Ao influxo vernal, ferver agora as fontes." (Bulhão Pato, *Livro do Monte*, p. 59) 2. Diz-se dos vegetais que rebentam na primavera. [Sinoním.: verno.] ~ V. ponto —
vernalidade. S. f. Qualidade de vernal.
vernalização. [De *vernalizar* + -ção.] S. f. Fisiol. V. Tratamento, por agentes físicos ou químicos, usado em países frios, de uma semente, para que se encurte o período vegetativo. [Assim o trigo, p. ex., semeado na primavera após a vernalização, chega a produzir o mesmo tempo que o trigo semeado no outono. (Sinoním.: jarovização.)
vernalizar. [De *vernal* + -izar.] V. V. vernalização de.
[Do lat. *vernantē*.] Adj. 2 g. a primavera.
[Var. de *berne*.] S. m. pl. Veter. Inchaço subiacente.

Faculdade de Letras

U F M G